

Unidade Nacional



Informativo do Sindicato dos Petroleiros de Duque de Caxias
13 de abril de 2010 - Nº 175 www.sindipetrocaxias.org.br



Sindipetro Caxias avisa ao Diretor: poderá ocorrer um grande desastre industrial na Reduc

Reunida no último dia 09 de abril, no Edise, com o Diretor do Abastecimento Paulo Roberto Costa, a coordenação do Sindipetro Caxias avisou que, caso não ocorram mudanças na gestão, em breve irá ocorrer uma grande tragédia na Reduc. A reunião também contou com a presença do Gerente Executivo do Abastecimento José Cosenza. O Sindicato discorreu sobre as mazelas da refinaria, entre elas, principalmente, a falta de treinamento, o baixo efetivo e o descaso com a segurança dos trabalhadores e instalações. Nova reunião será marcada, dentro de 15 dias, para que o Diretor responda aos questionamentos do Sindicato e encontre soluções para tirar a Reduc do risco.

Em relação à falta de treinamento, o Sindicato destacou que há muitos trabalhadores novos, empreendimentos e o pessoal não é treinado nas novas unidades. Não há treinamento dos técnicos de operação novos ou retreinamento dos antigos. Há 07 anos não há treinamento de combate a incêndio no campo de treinamento da Reduc. Os trabalhadores mais novos nunca fizeram qualquer treinamento no campo apagando fogo. É preciso que a refinaria invista urgentemente no treinamento de seu pessoal.

Foram lembrados os 06 mortos na obra do Gasbel da Transpetro. Destacou-se também que as esferas de gás da Reduc até hoje não possuem um sistema fechado para drenagem e esta é feita da mesma forma como em 1972, quando ocorreu o acidente em que morreram 42 trabalhadores. O Sindicato lembrou também o ocorrido com um técnico de



operação, que ficou cego e deformado em razão de acidente durante a drenagem das esferas, há cerca de 10 anos. No ano passado também houve acidente naquela área. É preciso encontrar uma solução para a drenagem das esferas de modo a se evitar novos acidentes.

Quanto à questão do efetivo, a coordenação do Sindipetro Caxias mencionou o caso dos empregados desviados que trabalham em regime administrativo, mas ganham os adicionais próprios do regime de turno. É preciso fazer um trabalho de mapeamento e desmobilização dos trabalhadores desviados sem necessidade. Por culpa da gestão, que não criou cargos de Coordenador Técnico Operacional (CTO), de consultoria ou de gerência em número suficiente para atendimento da demanda, técnicos de operação e segurança recebem indevidamente o adicional noturno, o adicional de hora de repouso e alimentação e a hora extra da troca de turno. Isso causa problemas com

quem não recebe esses adicionais, mas trabalha junto aos que recebem, no mesmo horário e almoçando no restaurante. Foi apresentado o procedimento corporativo que impede que os empregados trabalhem em regime administrativo e recebam os adicionais de turno e proposto que o Diretor determine o retorno desse pessoal para o turno, a fim de recompor o efetivo e permitir que se faça treinamento. Se esses trabalhadores são importantes então a empresa deve pagar algo que não seja os adicionais de turno.

Outro problema é que os técnicos de operação da Refinaria do Nordeste – RNEST – que estão estagiando na Reduc, já contam para o número de referência e representam cerca de 20% do efetivo de turno. Quando esses técnicos regressarem ao seu órgão de origem as dobras se sucederão, pois não há previsão de contratação de pessoal para repor essas vagas.

O Sindipetro Caxias explicou que, até o ano de 1997, a Petrobrás adotava o conceito de número mínimo para determinar o número de trabalhadores para operar as unidades das refinarias com segurança. Com o objetivo de reduzir o pessoal, a partir daí a empresa passou a adotar o número de referência, contando com os mesmos operadores em várias unidades. Essa prática permitiu a sobra de pessoal e até mesmo o famigerado Programa de Demissão Voluntária – PDV. O Sindicato quer que as unidades voltem a ter um efetivo suficiente para garantir a segurança.

Continua na página 2

Não é possível operar as unidades com os trabalhadores contando em várias ao mesmo tempo. Lembrou que a Unidade de Recuperação de Enxofre – URE – da Reduc, que opera desassistida, é a unidade que mais acidenta trabalhadores na Petrobrás. Essa mágica coloca em risco a segurança dos trabalhadores e instalações e um dia vai dar em um grande desastre industrial.

Foi alertado ainda que na Reduc o supervisor não conta para o efetivo das

unidades. A função do supervisor na refinaria é meramente burocrática e há técnico de operação júnior assumindo a função de supervisor. Para o Sindicato isso está errado. O supervisor tem que ser o líder da equipe, o mais experiente e que possua o maior conhecimento técnico.

O Sindicato destacou também que o prédio da CIC foi inaugurado, mas o Laboratório ainda não saiu do papel. O Diretor foi avisado de que poderá haver a interdição do Laboratório em razão do calor que chega a 40°C no verão.

A coordenação do Sindicato também exigiu o fim das punições que vêm sendo aplicadas sistematicamente pela gerência da refinaria. Pediu ao Diretor que interviesse nesse processo, anistiando as punições já aplicadas e contribuindo para uma melhora do clima organizacional.

Por fim, o Sindipetro Caxias expôs seu temor de que ocorra um acidente fatal e colocou a necessidade de se estabelecer um pacto a fim de recuperar a Reduc.

Relatório do incêndio da Casa de Força quer esconder os erros de gestão



Quando se lê o relatório do Grupo de Trabalho (GT) que analisou o incêndio na subestação principal da Casa de Força (U-2200), ocorrido no dia 28 de fevereiro, salta aos olhos a intenção da Gerência da Reduc de se proteger e esconder seus próprios erros de gestão. O relatório determina uma única causa básica e visa pôr a culpa pelo enorme prejuízo nos trabalhadores da operação e da segurança industrial. Por não concordar com as conclusões expostas no documento, o representante do Sindipetro Caxias no GT não assinou o relatório final.

A falha de gestão de manutenção ficou clara quando restou comprovado, pelos depoimentos tomados e pela falta de evidências, que há mais de 10 anos não se fazia manutenção preventiva ou preditiva na subestação. Essa foi uma decisão gerencial: não parar a subestação principal da Casa de Força para manutenção preventiva. O objetivo era maximizar a produção. Deu no que deu. Os painéis de controle da Casa de Força foram totalmente destruídos pelo incêndio, paralisando a refinaria e causando um prejuízo à Petrobrás que poderá chegar à casa do bilhão. Sem falar nos prejuízos à população, que poderá sofrer desabastecimento.

O fato de cabos elétricos e de

comando passarem por cima dos flaps do disjuntor, um equipamento de segurança cuja função é a liberação da energia de um curto-circuito, foi uma das duas condições para que ocorresse o incêndio. A outra foi o curto-circuito no disjuntor 57. E a chance deste evento ocorrer poderia ter sido reduzida praticamente a zero se a Gerência da Reduc tivesse decidido fazer a devida manutenção preventiva na subestação.

Vale destacar ainda a falha de gestão de SMS, pois nunca foi elaborado um cenário de incêndio nas subestações das casas de força da refinaria e jamais houve qualquer treinamento de combate a incêndio em subestações para os técnicos de segurança, brigadistas ou mesmo para os técnicos de operação da Gerência de Energia. No entanto, todas essas deficiências importantes levantadas pelo GT passam praticamente despercebidas no relatório, sendo contempladas apenas nas recomendações.

Para espanto dos membros do GT, o Coordenador de Turno (Cotur), um jovem e inexperiente engenheiro, que certamente tem seu valor, também não possuía qualquer treinamento em combate a incêndio, teórico ou prático, conforme consta do seu depoimento. Ocorre que o Cotur sempre é o coordenador da emergência, o responsável pelas tomadas de decisão durante a ocorrência. Esse é o maior exemplo de como a Gerência da Reduc trata a segurança dos trabalhadores e instalações.

As inconsistências do relatório

Logo de início, ao descrever o

lamentável sinistro, o relatório informa que “a causa mais provável do curto-circuito foi estresse eletromecânico ou falha de materiais”. Ora, a expressão utilizada mostra que não há certeza acerca da causa do curto-circuito no disjuntor 57. No entanto, tudo indica que a causa do curto-circuito foi a umidade originada pela infiltração no telhado da Casa de Força (U-2200) associada à falta de manutenção preventiva e preditiva (termografia) na subestação. Se a umidade não provocou o curto-circuito é, ao menos, uma hipótese tão provável quanto estresse eletromecânico ou falha de material.

Ainda na descrição da ocorrência, o relatório menciona, na ação inicial, que “o operador não se sentiu seguro para entrar na SE-200 e fazer o primeiro combate”. Esqueceu de completar que o operador não se sentiu seguro “porque não teve o treinamento em combate a incêndio adequado para tal”. Não há nenhuma garantia, no entanto, de que era possível debelar o incêndio a partir do primeiro combate, pois havia muita fumaça no interior da subestação.

Em certo ponto, denominado “mudança de estratégia de combate ao fogo” o relatório destaca que a subestação foi desenergizada às 17:34h, a Corrente Contínua foi desligada somente às 18:30h e a partir daí foi iniciado o combate com água. Uma imprecisão. É preciso dizer que não há certeza a respeito do horário em que se iniciou o combate com água no interior da subestação. Essa cronologia serve para justificar o que se descreverá a seguir.

A pior parte do relatório é o ponto em que afirma que quando foi iniciado o combate com água todos os painéis da unidade U-2200 já estavam totalmente destruídos pelo fogo. Como se pode ter certeza disso? A informação na CIC foi perdida em razão da queima dos cabos elétricos e da fibra ótica. Essa afirmativa serve apenas para tentar “livrar a cara” da Gerência da Reduc. Houve uma grande preocupação em dizer que a desenergização e o combate com água foi demorado e, por essa razão, a sala de controle foi completamente destruída. Neste ponto, o relatório tenta colocar a culpa pelo prejuízo da Petrobrás no pessoal da operação e da segurança industrial, quando os verdadeiros culpados estão sentados em cadeiras do prédio da administração da Reduc.

A demora na desenergização da subestação revela, isto sim, mais algumas graves falhas de gestão, como a falta de treinamento no procedimento de desligamento da SE-200 e a falta de efetivo da operação elétrica.

O relatório aponta uma única causa básica, que seria a falha na avaliação do risco de quem instalou cabos elétricos e de comando sobre os flaps do disjuntor 57. Escondeu a falha de gestão de manutenção, configurada pela falta de

manutenção preventiva na subestação nos últimos 10 anos, como causa contribuinte, quando, na verdade, essa foi uma causa básica do acidente, pois sem ela não ocorreria o curto-circuito apontado como causa imediata. É óbvio.

Outra das causas contribuintes apontadas pelo relatório do GT foi “estratégia de combate ao incêndio ineficaz”. No entanto, essa expressão é totalmente vaga, tratando-se de mera opinião, servindo apenas para esconder a falha de gestão de SMS, desdobrada na “falta de treinamento de combate a incêndio”, na “falta de treinamento de combate a incêndio em subestações” e na “falta de cenário de incêndio nas subestações das casas de força”, tudo comprovado pelo depoimento dos técnicos de operação, do Coordenador de Turno e até dos técnicos de segurança, que reconheceram não haver cenário ou treinamento de combate a incêndio em subestações na refinaria.

Por fim, o relatório sequer menciona a falta de água para o combate à emergência, em razão da falta de confiabilidade das bombas de incêndio, conforme destacado no boletim Unidade Nacional nº 173.

Um relatório bastante conveniente para a gerência da Reduc.

Sindicato vai participar de curso em Cuba



O Sindipetro Caxias se fará representar no curso “Rotas e Alternativas do Sindicalismo Latinoamericano na Atualidade” oferecido pela Escola Nacional de Formação Sindical Lázaro Peña, da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), na cidade de Havana, em Cuba, de 26 a 30 de abril.

O evento contará com a participação de dirigentes sindicais de

toda a América Latina e Caribe e tem como objetivo discutir a situação econômica, política, social, trabalhista e sindical no contexto latinoamericano atual, contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho político-ideológico e de direção do dirigente sindical latinoamericano e fortalecer a posição classista do movimento sindical em defesa dos trabalhadores.

NOTAS

Nova brigada ambiental de Tinguá

O Sindipetro Caxias está novamente cedendo suas instalações e infraestrutura para a formação da segunda turma de brigadistas ambientais da Reserva Biológica de Tinguá – Rebio. O treinamento está sendo realizado entre os dias 05 e 16 de abril e contempla o treinamento de 28 moradores provenientes das comunidades de Tinguá, Rio d’Ouro e Jaceruba.

Entre os aprovados nessa turma, 14 alunos serão contratados pelo período de seis meses, recebendo salário, auxílio-almoço e vale transporte, tudo financiado pelo ICMBio/IBAMA, com o apoio do Sindicato.

Horto Escola inicia atividades

No último dia 31 de março, o Sindipetro Caxias deu início às atividades do Horto Escola na Reserva Ambiental dos Petroleiros. Até o momento, já há 800 sementes plantadas e 350 mudas que já podem ser utilizadas para reflorestamento. O Horto Escola tem a assistência de dois engenheiros agrônomos, oriundos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFFRJ.

O objetivo do projeto ecológico do Sindicato é construir uma rede de hortos em parceria com moradores de Tinguá, que irão ter apoio para montar sua estrutura e também produzirem mudas que retornarão ao Horto Escola. Essas mudas serão vendidas para empresas que tenham a necessidade de fazer reflorestamento. O recurso gerado será distribuído aos parceiros e, em parte, reaplicado na estruturação do horto.

DPO do Tinguá é reinaugurado

Com apoio do Sindipetro Caxias, foi reinaugurado no dia 30 de março o Destacamento de Policiamento Ostensivo – DPO – de Tinguá. O evento contou com a presença do Comandante Almeida, da Polícia Militar, e de lideranças locais e moradores. Uma contrapartida solicitada pelo Sindicato foi a instalação de um telefone no DPO para atender à população, pedido prontamente atendido pelo comandante.

Busca insana de metas utópicas gera acidentes

Na contramão dos fatos históricos, a gestão de SMS da Petrobrás se baseia em uma meta ideal de acidente zero para buscar melhorias nos índices de acidentes.

Apesar da idéia de que a prevenção de acidentes na empresa vem evoluindo, isto ocorre apenas na apresentação de resultados sem que de fato as coisas mudem. A quantidade de papéis e exigências engendrados por pessoas que nada conhecem das áreas industriais, só provoca mais problemas e atrasos em tarefas que trariam segurança para o conjunto dos trabalhadores e comunidade. Esses iluminados, que acreditam que com o chicote imporão conceitos, nem sempre necessários, se esquecem que lidam com uma equipe técnica, muitas vezes com mais instrução e sempre com mais conhecimento de causa, que teria muito a contribuir. Esses papéis, criados sem qualquer consulta aos trabalhadores, só falham em um pequeno detalhe: foram feitos para prevenir acidentes e doenças e os acidentes e doenças continuam ocorrendo.

Os índices eram para ser diferentes não fosse a insistência em tratar a questão da prevenção a partir de conceitos e práticas totalmente teóricos e sem qualquer possibilidade de serem alcançados. Nossos iluminados, que atuam a distancia do local onde de fato as coisas ocorrem, acreditam que o “acidente zero” deve ser estabelecido como meta, provocando assim a hipocrisia e a mediocridade de alguns que buscam índices antes de buscar metas.

A segurança plena existe somente na teoria. Ela existe nos conceitos e em nossas premissas que devem estar baseadas na segurança do Homem e do Ambiente. Lesionamos-nos em nossos lares e em atos do cotidiano, seja com uma simples torção de

tornozelo ou com um corte fazendo barba ou cozinhando.

O famoso TFCA – Taxa de Frequência de Acidentes com Afastamento – é um índice de tal monta importante que nunca deveria ser utilizado como sistema de consequência para as unidades. Na busca de atingir tais índices zero, exigidos pela direção da Petrobrás, os gestores forçam atitudes antiéticas de omissão de toda sorte, levando trabalhadores e gestores a mentirem e omitirem acidentes. A falsidade em tal índice nega aos trabalhadores o direito de perceberem o momento em que se aproxima uma

cumpridos e ainda preocupando-se em garantir o respeito ao limite humano – delimitando e fazendo cumprir jornadas de trabalho compatíveis com as mesmas metas e definindo números de trabalhadores compatíveis com a exigência. Lamentavelmente isso é só utopia, pois nossos gestores estabelecem os “números de referência” com base na quantidade de horas extras da gerência. Esquecem que existem métodos para aferir a quantidade mínima necessária para manter a segurança das instalações e do meio ambiente.

É urgente que digamos a estes incompetentes que hoje não temos condições de trabalhar na Reduc de forma honesta com a prevenção de acidentes e doenças do trabalho assumindo o tal “acidente zero” como algo possível. Podemos comemorar o fato de que ainda estamos trabalhando com “acidentes fatais zero”.

fatalidade.

Essas metas impostas, atrelando ao pagamento de bônus para empresas terceirizadas e a verbas de aumento salarial, provocam toda sorte de ações, realizando um imenso desfavor à prevenção porque são eles que geram a paranóia da descaracterização que faz com que os trabalhadores vejam a Segurança do Trabalho como uma grande mentira. São esses também que contribuem diretamente para que as CATs sejam omitidas e, assim, o direito e a lei permaneçam na obscuridade.

Vários autores já afirmaram que Segurança e Medicina do Trabalho não fazem parte de uma gincana. Segurança é coisa séria. Aqueles que definem as metas devem possuir conhecimento sobre a realidade e deveriam atuar também no estabelecimento de prazos adequados para a realização dos projetos, assegurando que fossem

É urgente que digamos a estes incompetentes que hoje não temos condições de trabalhar na Reduc de forma honesta com a prevenção de acidentes e doenças do trabalho assumindo o tal “acidente zero” como algo possível. Podemos comemorar o fato de que ainda estamos trabalhando com “acidentes fatais zero”.

Segurança e Medicina do Trabalho se faz com treinamento e conscientização, além de compromisso de gestão, através da adoção de objetivos e metas sérias e exequíveis. Qualquer coisa fora disso contribui ainda mais para que os acidentes permaneçam escondidos e todos os planejamentos e investimentos nesta área sejam equivocados. Se quisermos ser de fato uma das melhores refinarias do Abastecimento e evoluir, um bom começo é levar em conta a realidade. Estudo de efetivo já!